



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PABLO NERUDA FARIAS DE LIMA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UM BREVE OLHAR SOBRE A PRÁTICA DA
ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**

CAJAZEIRAS - PB

2007

PABLO NERUDA FARIAS DE LIMA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
UM BREVE OLHAR SOBRE A PRÁTICA DA
ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS - PB

2007



M929d Moura, Belchione Tomé de Sousa.
Avaliação como possibilidade de diálogo e aprendizagem /
Belchione Tomé de Sousa Moura. - Cajazeiras, 2009.
58f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação escolar. 2. Aprendizagem. 3. Dialogicidade.
4. Práticas avaliativas. 5. Avaliação pedagógica. I. Lima,
Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

PABLO NERUDA FARIAS DE LIMA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS :

Um breve olhar sobre a prática da alfabetização de adultos

Monografia aprovada em 10 de maio de 2007

CURSO DE PEDAGOGIA COM HABILITAÇÃO EM DOCÊNCIA NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



Prof. Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral (orientadora)

Mestra em educação, pela UFC

CAJAZEIRAS- 2007

Aos meus pais, familiares e amigos, e aos meus
professores e alunos, dedico este trabalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço, aos alunos da Educação de Jovens e Adultos 1º segmento de 1º a 4º série, por muitas vezes sem o saberem, terem se tornado objeto de estudo do meu trabalho.

À Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral, minha orientadora, pelos conhecimentos transmitidos, o material que disponibilizou e o incentivo na produção do trabalho.

Ao Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes meu professor, pelas sábias orientações e pelos conhecimentos teóricos e práticos na área da Educação de Jovens e Adultos.

À professora Ms. Belijane Marques Feitosa, da área de Metodologia Científica e Pesquisa em Educação, por ter me ensinado a dar os primeiros passos no campo da Pesquisa Científica.

Ao Ms. José Rômulo Feitosa, pela diversidade de conhecimentos transmitidos na área de Psicologia e pela sua capacidade e competência como docente, nos transmitindo inúmeros e importantes conhecimentos teóricos e práticos.

Ao Ms. José Amiraldo Alves, pela sua competência e domínio teórico no campo da Sociologia, nos possibilitando saberes e conhecimentos indispensáveis em nossa vida acadêmica.

E a todos os demais professores do curso de Pedagogia que não foram citados, mas que contribuíram igualmente para o meu crescimento intelectual, agradeço.

“A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. E uma das condições necessárias a pensar certo, é não estarmos demasiados certos de nossas certezas”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos começa a se apresentar de forma mais definida com a crescente industrialização do Brasil e principalmente após a segunda guerra mundial que abre horizontes para a formação de um mundo mais igualitário e democrático. A Declaração dos Direitos Humanos, promulgada pela Organização das Nações Unidas -ONU, vai afirmar a importância de uma educação voltada para a solidariedade e para a paz. Dessa forma, temos no Brasil o início de uma política pública preocupada com a alfabetização de jovens e adultos. Nesse sentido, grande foi a contribuição de educadores como Paulo Freire. Neste trabalho, analisamos um pouco do método de alfabetização do educador pernambucano, bem como um pouco de sua contribuição política e pedagógica na educação. O processo de alfabetização vem sofrendo profundas transformações desde o início do século passado aos dias atuais, por isso analisamos também a contribuição de Emília Ferreiro ao processo de alfabetização. Nesse sentido, na perspectiva de ir nos tornando um professor reflexivo, buscaremos a luz da teoria obtida nesta investigação, refletir a minha própria prática docente em turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA e a de outros professores, no intuito de identificar práticas que deverão ser fortalecidas (por serem condizentes com as exigências contemporâneas) e práticas que precisam serem (re)significadas.

FOLHA DE ABREVIÇÕES

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPCs - Centros de Cultura Popular

MEB - Movimento de Educação de Base

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PEI – Programa de Educação Integrada

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

pág

INTRODUÇÃO	10
1. Histórico da Educação de Jovens e Adultos No Brasil	
1.1 A Educação de Jovens e Adultos da década de 30 à 50	13
1.2 A mudança de paradigma a partir das idéias de Paulo Freire	15
1.3 A ditadura militar e o lançamento do MOBRAL	17
1.4 O prosseguimento das reflexões nas décadas de 80 e 90	17
2. O Método Paulo Freire de Alfabetização	
2.1 A pedagogia libertadora de Paulo Freire	19
2.2 A pesquisa do universo vocabular e temático	20
2.3 As fichas de cultura	22
2.4 O trabalho com as palavras geradoras	23
2.5 As fichas de descoberta	24
3. Contribuições de Emília Ferreiro ao processo de alfabetização	
3.1 Outras análises sobre alfabetização	26
3.2 As orientações de Emília Ferreiro	27
3.3 As influências do construtivismo no processo de alfabetização	28
3.4 A revolução conceitual	29
4. Vivências de EJA no Estágio Supervisionado	
4.1 Caracterização da Escola onde ocorreu o Estágio Supervisionado	31
4.2 Primeiros contatos com a escola onde ocorreu o Estágio	35
4.3 Primeira Semana de aplicação do projeto: práticas de Leitura na EJA	36
4.4 Segunda Semana no Estágio Supervisionado em docência	41
4.5 Terceira Semana no Estágio Supervisionado em docência	45
4.6 Última semana de aplicação do projeto no Estágio Supervisionado em docência	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

Introdução

Esse é um trabalho monográfico, para conclusão do curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores -CFP da Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, orientado pela professora Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral, na disciplina Estágio Supervisionado em Docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A temática central a ser abordada nessa Monografia é a alfabetização de Jovens e Adultos.

O desenvolvimento desta pesquisa é importante para que eu possa aprofundar meus conhecimentos sobre alfabetização, especificamente sobre alfabetização de jovens e adultos. O meu interesse pela temática dá-se por que considero a alfabetização, de modo geral, e a alfabetização de adultos de forma específica, algo extremamente significativo em nossa sociedade letrada. É o pilar, a base, constitui-se a etapa inicial para o andamento dos estudos, sem essa iniciação à leitura e à escrita, não poderemos dar prosseguimento aos estudos, ou seja, estaremos fora de um processo fundamental, excluído de inúmeras possibilidades de ascensão social. Sem essa iniciação as letras, é impossível uma formação escolar qualquer que seja.

O Estágio, ocorreu, na escola, E.E.N.M.A (Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida) no Município de São João do Rio do Peixe, Estado da Paraíba. O tempo transcorrido da elaboração do projeto de pesquisa à conclusão da monografia, compreende o período de Fevereiro de 2005 a Abril de 2007 perfazendo um total de quatro períodos letivos.

A referida pesquisa teve como finalidade precípua refletir sobre a minha prática como educador alfabetizador, analisando a fundamentação teórica e prática do processo de alfabetização, ampliando meus conhecimentos sobre a alfabetização de modo geral e alfabetização de adultos de forma especial. Através de especificidades como: Conhecer a fundamentação teórica sobre alfabetização de adultos, compreendendo as mais recentes teorias sobre a alfabetização; vivenciar metodologias adequadas, e reafirmar a importância da alfabetização de jovens e adultos como elemento de desenvolvimento para o país, e ainda, como requisito fundamental para o exercício da cidadania.

O trabalho seguiu o percurso metodológico descrito a seguir: escolha do tema para a pesquisa, o levantamento bibliográfico inicial, a realização de fichamentos, resenhas, produção escrita da justificativa e do quadro teórico e etc. A pesquisa segundo os objetivos será uma pesquisa-ação¹.

O conceito de alfabetização que aqui emprego é o de desenvolvermos tanto capacidades relacionadas à leitura, como também à escrita. Nesse sentido, em minha prática como educador alfabetizador, tenho percebido que muitos educadores assim como eu, pois me incluo também entre os tais, não dominam muito bem as teorias e as propostas metodológicas de alfabetização de adultos, embora tendo informações concretas sobre métodos de alfabetização, inclusive o conhecido: método Paulo Freire de alfabetização, na prática, ainda nos guiamos pelo método tradicional, como se alfabetizar adultos fosse o mesmo que alfabetizar crianças.

Tenho observado também que se por um lado às pessoas de um modo geral consideram o trabalho de alfabetização como algo extremamente fácil, o mesmo não acontece quando nos referimos à alfabetização de adultos. Em minha cidade tenho ouvido muitas vezes, uma frase que representa a crença das pessoas em relação a esse tema: “papagaio que não aprende quando novo, velho não aprende mais nada”. Mas será verdade que pessoas adultas não possam aprender mais nada? Ou não possam ser alfabetizadas? Pelo menos não é isso o que os teóricos afirmam sobre a aprendizagem. Será que o problema está nas pessoas por que são adultas? Ou nas práticas pedagógicas que não condizem com sua realidade e interesse?

Nesse sentido, reconhecemos que o tema em si, tem um fundamento humano muito profundo, pois trata-se de possibilitar a educação, àqueles que não tiveram acesso a escolarização, trata-se de permitirmos o desenvolvimento, de capacidades e saberes como: leitura e escrita, fazendo com que as pessoas se alfabetizem. Por isso, faz-se necessário que todo educador conheça a fundo essa temática, para que possamos mudar essa realidade de analfabetismo em nosso país. E a partir de então, tendo a alfabetização como premissa básica para o exercício da cidadania possamos construir um país mais justo e solidário.

¹ A pesquisa-ação, além da participação do pesquisador, pressupõe uma ação planejada que deverá realizar-se no decorrer da sua realização. Há por parte dos pesquisadores o interesse de não apenas verificar algo, mas de transformar. Nesse sentido precisa haver uma interação entre pesquisadores e pessoas investigadas. O processo de pesquisa é realizado com avaliações e discussões no grupo, tanto para redirecionar os planos, quanto para partilhar o conhecimento entre os envolvidos. (MATOS & VIEIRA, 2002, P. 48)

Ao analisarmos esse tema, traremos importantes contribuições, através do aprofundamento de questões e discussões sobre a EJA, contribuições no sentido de fortalecermos o debate em torno da alfabetização de jovens e adultos, como também, socializar esses conhecimentos com outros educadores e alfabetizadores.

O Trabalho está dividido conforme os seguintes capítulos: histórico da educação de jovens e adultos no Brasil, o método Paulo Freire de alfabetização, contribuições de Emilia Ferreiro ao processo de alfabetização, vivências de EJA no Estágio Supervisionado e considerações finais.

1. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

1.1 A Educação de Jovens e Adultos da década de 30 à 50

Para iniciarmos este diálogo, gostaríamos de ressaltar que, a educação elementar para as classes populares, só ocorreu gradativamente. Da mesma forma a Educação de Jovens e Adultos só foi possível quando instalou-se um sistema público elementar no país. Isto ocorreu a partir da década de 30, período em que a sociedade brasileira passou por inúmeras transformações, dentre elas, o processo de industrialização e a concentração populacional nos centros urbanos.

Após a segunda guerra mundial, com o fim da ditadura Vargas em 1945, o Brasil vivia o processo da redemocratização. A Organização das Nações Unidas –ONU apontava a urgência de se integrar os povos visando à paz e a democracia. Essas idéias tiveram uma grande acolhida em nosso país que a partir daí passou a dar uma maior atenção à educação elementar especialmente com destaque à Educação de Jovens e Adultos. De acordo com RIBEIRO(1997),

Tudo isso contribuiu para que a educação dos adultos ganhasse destaque dentro da preocupação geral com a educação elementar comum. Era urgente a necessidade de aumentar as bases eleitorais para a sustentação do governo central, integrar as massas populacionais de imigração recente e também incrementar a produção. (p. 19/20)

Essa preocupação com Educação de Adultos iria desencadear uma campanha nacional de massas lançada em 1947, sob direção do professor Lourenço Filho, que previa uma ação extensiva de alfabetização em três meses, e a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. A campanha conseguiu alguns resultados significativos, mobilizando esforços de diversas esferas administrativas, e criando num curto período de tempo várias escolas supletivas.

Mas esses esforços empreendidos foram frustrados quando as iniciativas nas zonas rurais não obtiveram o mesmo sucesso, desencadeando um clima de pessimismo que culminou com a extinção da campanha antes do final da década de 1950.

Apesar da “derrota” sobreviveu a rede de ensino supletivo implantada e, assumida pelos Estados e Municípios. E, além disso, foi a partir dessas iniciativas que:

A instauração da campanha de adultos deu lugar também à conformação de um campo teórico-pedagógico orientado para a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Nesse momento, o analfabetismo era concebido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país. (RIBEIRO, 1997, p. 20)

Um outro fator interessante da campanha de massas de Educação de Jovens e Adultos era que, segundo essa concepção o analfabetismo era a causa da pobreza e não o efeito da situação econômica social e cultural do país, ou seja, entendia-se que o analfabetismo é que gerava a pobreza, mas se analisarmos melhor a questão perceberemos que ocorre o inverso ou seja, a situação de miséria é que faz com que as pessoas não tenham as mesmas oportunidades de escolarização e conseqüentemente se acomodem com a não escolarização. Decorrente dessa visão deturpada sobre o analfabetismo, muitos preconceitos foram engendrados,

Uma professora encarregada de formar os educadores da campanha, num trabalho intitulado: fundamentos e metodologia do ensino supletivo, usava as seguintes palavras para descrever o adulto analfabeto: Dependente do contacto face a face para enriquecimento de sua experiência social, ele tem que, por força, sentir-se uma criança grande, irresponsável e ridícula [...]. E, se tem as responsabilidades do adulto: manter uma família e uma profissão, ele o fará em plano deficiente. [...](RIBEIRO, 1997 : 20/21)

Essa concepção explicitava, uma visão do adulto analfabeto como incapaz e marginal, identificado psicologicamente e socialmente com a criança. Nesse período, o analfabetismo era apontado como o responsável pela situação de pobreza e miséria do povo brasileiro, ou seja, a visão que se tinha à época, responsabilizava os próprios sujeitos alfabetizando pelo seu fracasso escolar. Além do mais, as concepções vigentes baseadas em posicionamentos teóricos “inadequados” vinham reforçar essas concepções do analfabeto como ser incapaz e marginal, pois não tínhamos no Brasil uma tradição educacional que refletisse sobre o processo de alfabetização de jovens e adultos, não possuíamos as colaborações de educadores críticos que pudessem definir uma linha de trabalho sobre o analfabetismo. E embora não modificando totalmente essa visão, algo já apontava indícios de mudanças. “Durante a própria campanha, essa visão modificou-se; foram adensando-se as vozes dos que superavam esse preconceito, reconhecendo o adulto analfabeto como ser produtivo, capaz de raciocinar e resolver seus problema.” (RIBEIRO, 1997, P. 21)

Ainda de acordo com o autor supracitado, o que motivou essa mudança de paradigma que contrariava a visão anterior de um adulto analfabeto como incapaz e marginal foram as: *“teorias modernas da psicologia que desmentiam postulados anteriores de que a capacidade de aprendizagem dos alunos adultos seria menor do que a das crianças”*. (1997, P. 21)

Apesar desses avanços, muitas críticas foram dirigidas à campanha quanto às suas deficiências administrativas e financeiras e quanto a sua orientação pedagógica; como também a inadequação do método para a diversidade regional do país. Todas essas críticas convergiram para a criação de um novo modelo em alfabetização que superasse a ineficácia do existente.

1.2 A mudança de paradigma a partir das idéias de Paulo Freire

É nesse contexto educacional que surge um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos que tem como principal expoente o educador Pernambucano Paulo Freire. Este Educador, nascido na cidade do Recife-PE, aproveitou o momento histórico em que se abria um campo teórico-pedagógico orientado para a discussão sobre analfabetismo e Educação de Jovens e Adultos no Brasil, para propor mudança que tiveram ampla repercussão em todo o país e também no exterior.

Paulo Freire critica o método de alfabetização tradicional, baseado em cartilhas e que não tem nenhuma significação para o sujeito que está sendo alfabetizado, pois na maioria das vezes não estão adequadas a “leitura de mundo” dos alfabetizandos, essas cartilhas contém um “saber” pré-fabricado, que não permite aos sujeitos aprendentes construir seu próprio conhecimento, elas dirigem o pensamento e pressupõe a idéia de que os alunos são como uma folha em branco que precisam ser preenchidas. Paulo Freire critica este tipo de ensino chamando-o de “educação bancária” posto que pressupõe o “depósito” daquele que pensa possuir todo saber sobre aqueles que acreditam não possuir nenhum. Partindo dessa compreensão, o referido autor

Elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, cujo princípio básico pode ser traduzido numa frase sua que ficou célebre : “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Prescindindo da utilização de cartilhas, desenvolveu um

conjunto de procedimentos pedagógicos que ficou conhecido como método Paulo Freire de alfabetização. (RIBEIRO, 1997, p. 24)

Historicamente, a partir da abertura de um campo teórico-metodológico, de discussão sobre o analfabetismo: vários, intelectuais, artistas, educadores, estudantes, bem como, a MEB, CNBB CPCs, baseados nas idéias de Paulo Freire, foram se unindo e passaram a pressionar o governo federal no sentido de que os apoiasse para que se estabelecesse uma coordenação nacional de iniciativas. Em 1964 foi aprovado o plano nacional de alfabetização, que foi inspirado no pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como na sua proposta de alfabetização de adultos. Nesse sentido, operou-se uma verdadeira mudança de paradigmas. Essa proposta, via nas desigualdades sociais a causa do analfabetismo, e não o seu efeito. RIBEIRO chama a atenção para o fato de que,

O paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da situação de pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária. (1997, P. 23)

Paulo Freire rompe com o pensamento anterior e afirmando que o processo educativo deveria interferir na estrutura social que produzia o analfabetismo, necessitando-se para isso partir de um exame crítico da realidade existencial dos educandos. Pois para ele, o educando deveria assumir-se como sujeito de sua própria aprendizagem antes mesmo de se iniciar o processo de alfabetização.

O programa foi efetivado, com o apoio do governo federal, entidades como MEB – movimento de educação de base, ligado a CNBB – conferência nacional dos bispos do Brasil -, os CPCs- centros de cultura popular-, UNE – união nacional dos estudantes- , bem como artistas e intelectuais, que produziram diversos materiais orientados pelas idéias de Paulo Freire.

Nesse período, foram produzidos diversos materiais de alfabetização orientados por esses princípios. Normalmente elaborados regional ou localmente, procurando expressar o universo vivencial dos alfabetizandos, esses materiais continham palavras geradoras acompanhadas de imagens relacionadas a temas para debate, os quadros de descoberta com as sílabas derivadas das palavras, acrescidas de pequenas frases para leitura. (RIBEIRO, 1997, P. 25)

1.3 A ditadura militar e o lançamento do MOBRAL

Com o golpe militar de 1964, todos os programas de alfabetização baseados no método Paulo Freire, foram vistos como subversivos e uma grave ameaça à “ordem nacional”, e portanto duramente reprimidos. Várias pessoas foram exiladas do país, inclusive o próprio Paulo Freire. Nesse período, de ditadura militar o governo só permitiu que se realizassem programas de alfabetização sobre seu restrito controle, lançando como programa nacional o MOBRAL – movimento Brasileiro de alfabetização, que contava com um volume significativo de recursos.

O MOBRAL, expandiu-se por todo território nacional, desenvolveu programas importantes como o PEI – Programa de Educação Integrada- que abria vagas para a continuidade dos estudos dos recém alfabetizados.

Enquanto isso, alguns grupos dedicados à educação popular continuaram, embora de forma limitada e isolada, o trabalho de alfabetização com propostas mais críticas. Nesse período.

Grupos dedicados à educação popular continuaram a realizar experiências de alfabetização, desenvolvendo os postulados de Paulo Freire, essas experiências eram vinculadas a movimentos populares que se organizavam em oposição à ditadura, comunidades religiosas de base, associações de moradores e oposições sindicais. Paulo Freire que fora exilado, seguia trabalhando com educação de adultos no Chile e depois em países africanos. (RIBEIRO, 1997, P. 26/27)

Com a abertura política a partir da década de 80, essas experiências foram se alastrando. O MOBRAL, que já vinha sendo desacreditado nos meios políticos e sociais desde o início da década foi extinto em 1985; em seu lugar surgiu a fundação educar, que passou a apoiar financeiramente e tecnicamente governos e empresas a ela conveniadas. Muitas experiências, foram retomadas baseadas nos estudos de Paulo Freire, gerando reflexões e apontando novas pistas.

1.4 O prosseguimento das reflexões nas décadas de 80 e 90

Com a continuação das reflexões em torno da alfabetização de adultos, várias contribuições teóricas foram incorporadas nos estudos sobre alfabetização, uma dessas contribuições ocorridas nesse campo, são os trabalhos da psicopedagoga Argentina Emília Ferreiro, que trouxeram elucidações bastante significativas para superação do método de silabação.

Essa autora demonstra que tanto as crianças como os adultos, procuram conhecer o sistema de representação da escrita formulando e elaborando hipóteses e informações prévias sobre a mesma. Nesse sentido, RIBEIRO afirma que.

Os adultos analfabetos podem escrever enunciados significativos baseados em seus conhecimentos da língua, ainda que no início, não produzam uma escrita convencional. É com essas produções que o educador deverá trabalhar ajudando o aprendiz a analisá-las e introduzindo novas informações. (1997, p. 31/32)

Ainda outro avanço importante no estudo da Educação de Jovens e Adultos, tem sido a incorporação da iniciação à matemática onde, em muitos casos isso foi reivindicado pelos próprios estudantes que expressavam a necessidade e o desejo de aprenderem a fazer contas. Nesse sentido, estudos têm demonstrado, que os alunos da EJA, são capazes de efetuar cálculos complexos, embora não saibam explicar como conseguiram chegar aos resultados.

Com relação ao ensino de matemática para jovens e adultos, a questão pedagógica mais instigante é o fato de que eles quase sempre, independentemente do ensino sistemático, desenvolvem procedimentos próprios de resolução de problemas envolvendo quantificações e cálculos. Há jovens e adultos analfabetos capazes de fazer cálculos bastante complexos, ainda que não saibam como representá-los por escrito na forma convencional, ou ainda que não saibam sequer explicar como chegaram ao resultado. (RIBEIRO, 1997, p. 32/33).

Chegamos a década de 90, com muitos problemas na educação de adultos. As políticas educacionais não foram favoráveis. Segundo RIBEIRO . “A história da educação de jovens e adultos no Brasil chega à década de 90, portanto, reclamando à consolidação de reformulações pedagógicas que, Aliás, vem se mostrando necessárias, a todo o ensino fundamental”.(1997, p. 34)

Diante da extinção da fundação educar, criou-se um enorme vazio em termos de políticas para esse setor, alguns Estados e municípios têm assumido a responsabilidade de oferecer programas nesse sentido, mesmo assim, a oferta está muito longe de satisfazer à demanda, pois, faltam materiais didáticos de apoio e os professores têm que se adaptar a essa situação, tendo que usar de muita criatividade para compensar a falta de recursos didáticos. O grande desafio pedagógico é oferecermos uma educação que garanta o acesso à cultura letrada a esse segmento social que vem sendo marginalizado nas esferas sociais e econômicas.

Após esse breve relato da história da Educação de Jovens e Adultos em nosso país, faz-se necessário analisarmos mais detidamente, o pensamento pedagógico de Paulo Freire, bem como sua filosofia, para em seguida fazermos uma análise do conjunto de procedimentos pedagógicos que ficou conhecido como método Paulo Freire de alfabetização, e posteriormente analisarmos as teorias de Emília Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita.

2. O MÉTODO PAULO FREIRE DE ALFABATIZAÇÃO

2.1 A Pedagogia libertadora de Paulo Freire

Um dos fundamentos de sua Pedagogia é a idéia de educação democrática e crítica, e ainda, a idéia do respeito ao educando enquanto um ser curioso. Nesse sentido, FREIRE afirma que,

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? (1998, P. 74-75)

Outro ponto importante em sua filosofia da educação é a idéia de que: “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho”, os homens se educam enquanto seres do diálogo, mediatizados pelo mundo, em apoio a isso, BRANDÃO ressalta que,

A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto -, não pode ser imposta. Por que educar é uma tarefa de troca entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto-educação é um diálogo a distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. (1989, p. 22)

Paulo Freire é uma referência na alfabetização de adultos, sobretudo do ponto de vista político e filosófico, e neste sentido, as sua reflexões conduzem a algumas orientações teóricas voltadas para a prática da alfabetização de adultos.

Ele expõe o seu pensamento pedagógico em livros como: *Educação como prática da liberdade, Pedagogia do oprimido, Pedagogia da autonomia*, entre outros, suas reflexões, conduzem a uma prática que ficou conhecida no Brasil como o método Paulo freire de alfabetização de adultos, mas apesar de famoso, a prática do método é pouco conhecida no Brasil, segundo BRANDÃO.

È difícil encontrar alguém que esteja de algum modo ligado com a educação, com os movimentos populares de agora, e que não tenha lido os seus escritos e não conheça às suas idéias. No entanto, fora um ou outro, quase ninguém conhece a prática de seu método de alfabetização. (1989, p. 14)

De acordo Freire, a educação deve ser feita com os educandos e não “para” os educandos. Ele critica a educação tradicional, o autoritarismo em sala de aula, a educação que ele chamou de bancária, que não leva em consideração a criticidade do sujeito alfabetizando, ele critica a escola que impõe um saber pronto e acabado.

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele. (1989, p. 21)

2.2 A pesquisa do universo vocabular e temático

Em sua proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, abstraindo-se da utilização de cartilhas, Freire reflete sobre a necessidade de uma etapa preparatória em seu método de alfabetização, etapa em que será realizada uma pequena pesquisa para obtenção das palavras mais utilizadas pela comunidade a se alfabetizar, ou seja, o que na Pedagogia de Freire chama-se o “universo vocabular”. Em seguida, selecionar as palavras e organizá-las segundo seu grau de complexidade, essas são as principais etapas da pesquisa. “*O objetivo da pesquisa do universo vocabular e temático, é surpreender a maneira como uma realidade social existe, na vida, no pensamento e no imaginário de seus participantes.*” (BRANDÃO, 1989, p. 28)

Mas antes da pesquisa se iniciar, o educador precisa convencer as pessoas da comunidade à participarem da pesquisa, Segundo FREIRE,

É que, neste momento, os investigadores necessitam de obter que um número significativo de pessoas aceite uma conversa informal com eles, em que lhes falarão dos objetivos de sua presença na área. Na qual dirão o porquê, o como e o para que da investigação que pretendem realizar é que não podem fazê-lo se não se estabelece uma relação de simpatia e confiança mútuas. (1981, p. 121.)

Esta pesquisa é feita com o intuito de apreender o “universo vocabular” da comunidade que irá participar do processo de alfabetização. O objetivo é detectar as palavras que representem uma situação existencial ou que possuam mais significados na vivência dos educandos. Assim por exemplo, se estamos trabalhando com pessoas da zona rural, iremos trabalhar com a linguagem dessa gente, suas palavras, seu modo de expressar o mundo.

Isso é o que faz toda diferença no processo de alfabetização instituído por Paulo Freire, pois as palavras a serem trabalhadas serão as do “universo vocabular” da comunidade. Nesse sentido,

“O contato inicial e direto que estabelecemos com a comunidade é durante a pesquisa do universo vocabular – etapa realizada no campo e que é a primeira do sistema Paulo Freire de educação... não é uma pesquisa de alto rigor científico, não vamos testar nenhuma hipótese. Trata-se de uma pesquisa simples que tem como objetivo imediato a obtenção dos vocábulos mais usados pela população a se alfabetizar” (conscientização e alfabetização). (BRANDÃO, 1989, p. 25)

As palavras pesquisadas não precisam ser muitas, (umas vinte pelo menos), o importante é que representem uma situação existencial vivenciada pelo grupo. A pesquisa deve ser feita com a participação da população, através de entrevistas, diálogos e através da vivência do próprio educador com os educandos. Após a pesquisa o alfabetizador tem em mãos, palavras, frase e diálogos registrados num caderno ou num gravador, são as “palavras geradoras” e os “temas geradores”. *De inúmeras frase assim – frases que recontam a vida do lugar e que devem recortar todas as situações, com todas as categorias de seus sujeitos- saem às palavras geradoras de que o método faz o seu miolo. (BRANDÃO, 1989, p. 30)*

2.3 As fichas de cultura

Depois da pesquisa realizada, o educador tem em mãos, “todo o material da pesquisa”, que irá conduzir os debates e os temas geradores. Antes, porém o educador tem que conseguir gravuras ou imagens, que representem cada uma das palavras geradoras, para que possa iniciar o trabalho de alfabetização a partir da decodificação dessas gravuras.

Quando sente que dá, o animador coloca diante de todos o primeiro cartaz das fichas de cultura. Ele chama a atenção para o desenho, a gravura. Sugere que digam o que estão vendo: o que a figura mostra? Quais são as partes, os elementos dela? O que será que ela quer dizer? Com o que é que parece? (BRANDÃO, 1989, p. 44-45)

O objetivo das fichas de cultura ou das imagens mostradas é representar uma situação para o debate livre em que os educandos se interessem pelo seu próprio processo de aprendizagem. Assim, as fichas de cultura, devem despertar nos sujeitos aprendentes o interesse pela alfabetização, pois através dessas imagens, os educandos começam a perceber o quanto é importante à questão do conhecimento, começam a observar que o mundo que os cerca é feito a partir das necessidades do homem. Nesse sentido, compreendem que o homem consegue superar suas necessidades quando, relacionando-se com o mundo, faz dele objeto de seu conhecimento, e submetendo-o pelo trabalho, consegue transformá-lo. Começam a compreender que, o homem é um ser criativo e criador, pois fez a partir do relacionamento com a natureza, o mundo da cultura, sua casa, sua roupa, suas ferramentas etc. Pode-se então dizer que,

Só assim à alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa de ser assim algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. (BRANDÃO, 1989, p. 49)

As fichas de cultura são assim muito importantes, pois a partir das imagens, o educador pode possibilitar aos educandos pensarem o seu mundo, instigá-los a assumir-se como sujeitos de sua própria aprendizagem.

O trabalho com as fichas de cultura, convida os educandos através do diálogo, a idéias de um pensar, em que eles se interessam pela descoberta do conhecimento. Para o autor supracitado,

só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. (1989, p. 49-50)

Um outro ponto importante nesse momento é que o educador deve deixar que o grupo faça aquilo que Paulo Freire chamou de “participação criadora” ou seja, ele não deve fazer o trabalho pelo grupo ou para o grupo, mas com o grupo, deve deixar que os educandos aprendam a partir de suas próprias discussões, já que quando decodificam um desenho, em idéias, em falas, o grupo cria e aprende com esse trabalho de criar,

Ao refletir com o grupo, não deve conduzir o debate sobre as situações existenciais e, mais tarde a partir das palavras geradoras, como se tudo fosse um jogo de adivinhação: “O que é que vemos aí? E agora?” .O grupo deve sentir que o trabalho é de problematização de uma realidade que a todos envolve: o que a gravura sugere? Em que um dos seus elementos se distingue do outro? Por que é assim e não de outra maneira? Como poderia ser? Como deveria ser? Qual o sentido do que se fala, do que se discute a partir do que todos vêem? (BRANDÃO, 1989, p.51)

Percebemos que até agora, o trabalho é realizado a partir das gravuras e das discussões que se seguem, esse trabalho, intenta despertar o interesse do educando para que se assuma como sujeito de sua aprendizagem. Para BRANDÃO,

“ Em nome da prática de debate já adquirida pelo grupo, o animador poderá reduzir as suas perguntas e deixar que seja livre a troca de idéias que a “figura da palavra” sugere. Assim, o grupo cria o seu tempo e o círculo discute à vontade, até quando sente que chega e começa a dar ao coordenador sinais de que a hora de “trabalhar a palavra” chegou.” (1989, p. 54)

2.4 O trabalho com as palavras geradoras

É importante destacar que esse trabalho inicial com gravuras ou imagens, não leva mais que oito a dez dias, no Máximo uns vinte dias. Nessa ocasião, é criada a situação de trabalho de alfabetização a partir das “palavras geradoras”, ou seja, além das imagens que cada palavra sugere, nesse período, a gravura virá acompanhada da própria palavra que a representa.

O monitor, deverá fazer diversas vezes a leitura da palavra para que os educandos aprendam nesse trabalho de “ver a leitura” sendo feita, até que chega o momento em que o educador retirando a gravura deixa apenas a palavra que é lida diversas vezes pelo grupo. Lembramos que

as palavras usadas nessa etapa de alfabetização, são aquelas mesmas da pesquisa feita na comunidade, ou seja, as “palavras geradoras”.

Em seguida, o monitor apresenta outro cartaz com a palavra desdobrada em seus fonemas e em suas sílabas, mostrando para o grupo que toda palavra pode ser dividida em “pequenos pedaços”. BRANDÃO, dá um exemplo de como isto pode ser feito, quando descreve a seguinte fala do monitor. *Olha aí, gente. Uma casa não tem às suas partes: quarto, cozinha, sala, varanda? Tudo no mundo não tem os seus pedaços? Pois uma palavra também. Tão vendo? Benedito tem esses pedaços aí, assim: be-ne-di-to, be-ne-di-to, be-ne-di-to.* (1989, p. 57)

O monitor, deverá mostrar para o grupo o desdobramento da “palavra geradora” em todos os seus fonemas, lendo para eles e pedindo que o acompanhem, cada fonema deve ser lido pelo grupo, até que o monitor sinta que compreenderam o exercício.

2.5 As fichas de descoberta

Após essa etapa, é chegado o momento mais criativo dos trabalhos, em que o educador coloca diante de todos, a “ficha de descoberta”. Trata-se do desdobramento de uma “palavra geradora” em todos os seus fonemas, ou seja suas famílias. Por exemplo, no caso da palavra geradora ser Benedito, o desdobramento em suas famílias seria: da sílaba -Be- temos: be, bi, bo, bu, ba. Da sílaba -ne- temos: ne, ni, no nu, na,. Da -di- temos: dí, do, du, da, de. E da sílaba -to- temos: to, tu, ta, te, ti.

Ela reintroduz o começo de um outro momento importante de criação e de aprendizagem. A partir dela o grupo para de repetir o que vê e começa a criar com o que repetiu vendo. Há, portanto, muito mais trabalho sobre esse cartaz do que sobre todos os outros juntos. (BRANDÃO, 1989, p. 58-59).

O educador, lê para o grupo, todos os fonemas em todas as direções, e pede para que o grupo faça o mesmo, esse deve ser o trabalho inicial com os educandos, até o educador perceber que já estão bastante seguros nesse ponto.

Com a “ficha de descoberta” o animador pode mostrar ao grupo que, assim como é possível separar os “pedaços” do nome de Benedito, e com cada pedaço formar uma família, da mesma forma, é possível “misturando” as “famílias” formar outras palavras. No princípio, pode ser um pouco difícil para os educando, então o animador, pode ele mesmo começar a formar novas palavras pedindo ao grupo que o acompanhe.

A todo instante, os educandos são motivados a formarem novas palavras. Mas, nunca obrigados a isso. O monitor deverá ir mostrando ao grupo essa possibilidade, até que o grupo se sinta disposto a tentar por sua vez. Nesse sentido,

O coordenador do círculo deve construir apenas algumas poucas palavras. Deve mostrar, sem ensinar, como uma lógica, um processo de reconstrução de palavras. Se no meio de seu trabalho alguém quiser FORMAR UMA PALVRA, TUDO BEM. Que ele faça. (BRANDÃO, 1989, p. 61)

O importante é demonstrar para o grupo, como se dá o processo de formação de palavras. Nesse sentido, o trabalho com as “palavras geradoras” é contínuo num processo que, leva em consideração o grau de dificuldade na construção das palavras.

Outro ponto importante a destacar é que, cada palavra geradora, segue sempre as mesmas etapas das primeiras apresentadas, ou seja: apresentação da gravura, apresentação da palavra, suas sílabas, seu desdobramento em famílias, a apresentação da “ficha de descoberta” etc.

Palavras mais difíceis podem ser apresentadas mais tarde. Em Goiás primeiro vinham: Benedito, Jovelina, mata, fogo, sapato, casa. Todas elas são palavras simples, com os fonemas em ordem direta – consoante + vogal – e sem dificuldades maiores de construção. Depois vinham: enxada, chuva, roçado, bicicleta, trabalho, bezerro, máquina, produção, farinha estrada. (1989, p. 64-65)

O educador, faz assim, com que o grupo aprenda, com a metodologia de construir palavras, através de um processo de tentativas e erros, ao final da “listagem das palavras geradoras” o educador pode sugerir ao grupo que tentem formar pequenas frases a partir de uma ou duas “palavras geradoras”, com todo o material trabalhado, já é possível formar pequenas frases, que irão motivar os alunos para que aprendam cada vez mais. Ao final da apresentação das palavras, os alunos estarão formando não apenas frases curtas, mas pequenas falas escritas e algumas idéias

completas, eles são incentivados todo tempo a construir sua própria escrita através da linguagem escrita seja através de bilhetes, cartas, ou seja, aprendem a transportar a linguagem oral para a linguagem escrita.

3. CONTRIBUIÇÕES DE EMÍLIA FERREIRO AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

3.1 Outras análises sobre alfabetização

Antes de chegarmos às propostas e reflexões da Dr^a. Emília Ferreiro, é importante entendermos quais fatores fizeram com que ela almejasse uma revolução conceitual no tocante a alfabetização. Nesse sentido, o fato é que os métodos de alfabetização conhecidos até então, sejam eles os métodos sintéticos ou analíticos de alfabetização, a partir da abertura da escola para uma população cada vez mais abrangente, na prática, tem mostrado uma enorme ineficiência, não conseguindo alcançar os objetivos propostos (que é educar e alfabetizar) os índices de analfabetismo na América Latina chegaram a um ponto intolerável, isto está ligado diretamente a questão do fracasso escolar dos estudantes que no Brasil já está se tornando “lugar-comum”.

Diante dessa situação que tem gerado enormes discussões no âmbito educacional, a preocupação em torno da alfabetização aumentou muito à medida que o acesso, tanto de crianças como de jovens e adultos, ganhou maiores proporções. Surgiram inúmeras teorias que tentaram apontar essa ou aquela causa, a fim de encontrar uma solução. Ora as críticas giravam em torno dos alunos, ora em torno da escola, e por fim recaíam nas costas dos professores, que acabavam por se tornar os únicos culpados.

A primeira idéia a destacar, e que parece ter sido a última antes das inovações de Emília Ferreiro, só visavam apontar os culpados, e não se preocupavam em fazer uma análise sistemática a respeito das práticas utilizadas nos processos de alfabetização. Segundo WEISZ, parafraseando o livro de FERREIRO, *“Ninguém escapou do banco dos réus: os alunos por serem subnutridos, carentes, deficientes. A escola, por ser uma inexorável máquina de reprodução das relações de poder. O professor, por ser mal pago, mal formado, incompetente”*.(2000, p.4)

O problema por mais que fosse discutido acabava voltando ao ponto de partida, girava, em torno de círculos, por utilizar sempre o mesmo questionamento “como se deve ensinar a ler e escrever?”. Percebendo tal situação e observando a ineficácia dessa linha de raciocínio, Emília

Ferreiro começou por elaborar um novo questionamento sobre “como se aprende” se debruçou sobre essa questão e desenvolveu seu estudo. Conforme essa autora,

Estas investigações evidenciam que o processo de alfabetização nada tem de mecânico, do ponto de vista da criança que aprende. Essa criança se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade(2000, p. 9)

Para Ferreiro, a escrita é um sistema complexo de construção social de codificação da linguagem e nesse sentido, não pode ser apreendida mecanicamente através de ditados ou cópias, mas espontaneamente através das próprias reflexões que as crianças fazem, a respeito desse objeto, e através das tentativas concretas de produção escrita ou seja as “produções espontâneas dos estudantes”.

3.2 As orientações de Emília Ferreiro

O início do diálogo com Ferreiro nos leva a uma intensa aflição, pelo fato de termos a certeza de que em sua obra, pela forma como a problemática da alfabetização é abordada, não encontraremos mais uma vez, nenhum remédio, nenhuma nova fórmula para sanar o problema em questão, por que o mal está entranhado em toda estrutura educacional, critica-se a alfabetização tradicional, os métodos até então utilizados, os sistemas de representações adotados, enfim uma infinidade de coisas, mas a idéia é justamente essa, pois na proporção que a questão se encontra, é uma utopia imaginarmos que encontraremos uma fórmula capaz de acabar de uma vez por todas com essa situação do analfabetismo.

A orientação de Emília Ferreiro pauta-se na necessidade de conhecermos profundamente o processo de alfabetização para depois buscarmos, se possível, formas de intervenção, de auxílio ao aluno na construção de um sistema de representação próprio.

A forma clara e concisa que é oferecida essa possibilidade de auxílio sem muitas objeções inúteis nos tranqüiliza a ponto de aguçar nossa curiosidade em observar o processo em situações

práticas, pois quando cuidamos de analisar a escrita dos indivíduos em fase de alfabetização, só nos preocupamos em prestar atenção aos aspectos gráficos, é isso que Emília Ferreiro critica abertamente,

“ O modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em se prestar atenção apenas nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivos. Os aspectos gráficos tem haver com a qualidade do traço...os aspectos construtivos tem haver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações”. (2000, p. 18)

De acordo com a autora esquecemos que a aquisição da escrita é um processo contínuo e como qualquer outro precisa respeitar o tempo de cada um precisa acatar o modo como as crianças “aprendem” esse objeto particularmente complexo. Ao contrário do que muitos educadores pensam, a escrita pode e deve ser ensinada ao mesmo tempo da leitura.

3.3 As influências do Construtivismo no processo de alfabetização

A teoria de Piaget tem por elementos norteadores no estudo da alfabetização, o fato de considerar que os indivíduos constroem seus próprios conhecimentos sobre a leitura e a escrita. São verificadas nessas construções autônomas várias etapas que conta com uma lógica individual, e com o contato com o grupo, para assim se poder ter o domínio cognitivo sobre o objeto de conhecimento.

Emília Ferreiro em suas investigações sobre a escrita utilizou a teoria de Piaget como norteadora em suas pesquisas, seu mérito consiste na elaboração de uma outra teoria(A psicogênese da língua escrita) baseando-se em vivências com crianças e que comprovam as asserções do construtivismo.

Muitas pessoas não entendendo a verdadeira essência dessa teoria, imaginam que o professor só tem que deixar os alunos fazerem como bem entendem. Mas, não é nada disso, o professor mais que nunca precisa ter conhecimentos, sensibilidade, capacidade de discernimento para guiar e orientar os seus alunos. O fato do andamento da aula ser dado pelos alunos, mais especificamente

pelo estágio alcançado por cada um deles, assusta muitos professores que acham que vão perder sua autoridade e que os alunos não vão aprender mais nada.

Antes de seguir as orientações de Emília Ferreiro, o professor que deseje aplicá-las, precisa ter profundos conhecimentos sobre o estudo da psicogênese, para entender como funciona, vencer o preconceito, ultrapassar a fronteira imposta pelo método tradicional e assim, perceber que o construtivismo não é uma ilusão, mas é uma realidade que não pode ser desconsiderada em sala de aula e nas escolas como um todo.

A necessidade de conhecer de forma detalhada a teoria ora estudada; deve-se ao fato de que a evolução dos alunos é desigual, ao contrário do que o método tradicional afirmava, precisando do acompanhamento de um educador, que sabe que cada um terá um desempenho diferente, dependendo do contato que tiveram com outros instrumentos educativos,

“A nossa compreensão dos problemas tal como as crianças os colocam, e da seqüência de soluções que elas consideram aceitáveis, é, sem dúvida, essencial para poder ao menos imaginar um tipo de intervenção adequada à natureza do processo real de aprendizagem”(FERREIRO, 2000, p. 30)

Dessa compreensão vem a idéia de trazermos à prática tal teoria e inseri-la no processo de alfabetização de jovens e adultos, que requer cuidados especiais em virtude dessa clientela apresentar algumas características específicas, como por exemplo, apresentarem uma visão de mundo num estágio mais avançado.

3.4 A revolução conceitual

A concepção de que o processo de alfabetização reduz-se a aquisição da escrita (sistema de representação da linguagem) através de meros procedimentos de memorização e cópia, e diversos outros procedimentos como por exemplo não considerar as escritas espontâneas das crianças tratando-as como garatujas sem valor e etc. ou a necessidade de termos um estrito controle sobre o processo de alfabetização, são questões duramente criticadas por Emília Ferreiro.

O que ela propõe é uma revolução conceitual em que deveríamos analisar as práticas de introdução à leitura e à escrita. Nesse sentido, é preciso criar novas bases para a alfabetização inicial, e para isso, abandonar aquela imagem da criança que nada sabe e a do professor que tudo lhe ensina, isso sim imprescindível para a revolução conceitual almejada.

Na Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário incluirmos as mais recentes contribuições de Emília Ferreiro, indispensável, a uma investigação mais ampla e que possa contribuir para melhorar nossa prática como educadores alfabetizadores.

Emília Ferreiro traz contribuições bastante elucidativas para entendermos como se dá o processo de aquisição da linguagem escrita, sobretudo do ponto de vista do sujeito cognoscente, seja ele adulto ou criança, suas pesquisas estão voltadas mais especificamente para a alfabetização de crianças, mas isso não implica dizer que não podemos aproveitá-las na alfabetização de jovens e adultos.

Em suas pesquisas, a autora pretende desvendar a psicogênese da língua escrita, a partir dos caminhos que as próprias crianças percorrem para entenderem esse objeto particular que foi desenvolvido ao longo da história, baseando-se para isso na teoria construtivista de Piaget da qual teve o privilégio de ser orientada e colaboradora. A descoberta capital em suas investigações evidenciam que o processo de aprendizagem na alfabetização envolve uma série de reflexões que as crianças fazem para compreenderem o sistema escrito. Segundo FERREIRO [...] *Essa criança, se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade* (2000, p. 9)

Para elucidarmos melhor essa questão precisamos entender que até o presente momento as reflexões em torno da alfabetização têm se orientado para dois aspectos distintos no processo de ensino e aprendizagem, dois pólos que têm sido priorizados (as concepções que tanto quem ensina como quem aprende tem sobre a escrita), mas sem levar em consideração o próprio objeto, de acordo com FERREIRO, *Essa caracterização, não tem levado em conta um terceiro elemento envolvido no processo de aquisição da linguagem escrita ou seja : " a natureza do objeto de*

conhecimento envolvendo essa aprendizagem.(2000, p. 9) Isto tem acontecido basicamente devido a forma como encaramos a escrita que para muitos é apenas um código que reproduz os sons da fala, mas para Emília Ferreiro, a escrita é um sistema de representação da linguagem oral, e como sistema de representação, foi construído socialmente ao longo dos tempos, e para podermos apreendermos esse sistema precisamos necessariamente compreender a lógica que presidiu a sua construção.

4- VIVÊNCIAS DE EJA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

4.1 Caracterização da escola onde realizei o Estágio Supervisionado

A Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida-EEEFM, está situada na região Norte da Cidade à rua Vidal de Negreiros, 134. São João do Rio do Peixe, estado da Paraíba. De acordo com os arquivos, foi fundada no dia 15 de agosto de 1973, funcionando a primeira fase do antigo 1º Grau. Era uma instituição vinculada juridicamente à rede de educandários da Fundação Padre Ibiapina, sendo autorizada pela Resolução nº 5/75 do Conselho Estadual de Educação do dia 16/01/75, com publicação no diário oficial de 04/02/75 e reconhecida pela Resolução 121/84 no dia 01/03/84.

A escola foi estadualizada pelo Decreto Lei nº 11.857, do dia 05/03/87 e publicado no Diário Oficial do dia 08/03/87, com o nome de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ministro José Américo de Almeida. Em anos posteriores, de acordo com o Decreto nº 13.566 de 20 de março de 1990, a escola foi transformada em Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida, conforme Diário Oficial de 21/03/1990. A atual diretora é Francisca Gisciane de Sousa, tem 24 anos de tempo de serviço na escola e é formada em letras. A vice-diretora Maria de Fátima Mendes tem 25 anos de serviço e é formada em letras. O vice-diretor João Bosco Gonsalves que tem 26 anos de serviço, tem formação no Ensino Médio Normal.

A clientela do colégio é da zona urbana e rural. Os alunos da zona rural geralmente estudam pela manhã enquanto que os alunos da zona urbana freqüentam a escola no turno da tarde e à noite.

Segundo a diretora, o número total de alunos matriculados no Ensino Fundamental no ano de 2006 é de 535 alunos, sendo que na 1ª série 112 alunos divididos em quatro salas de vinte e oito alunos cada, na segunda série, uma única sala com 25 alunos, na terceira série uma única sala com 25 alunos, na quarta série duas salas com 20 alunos, na quinta série duas salas com 28 alunos e duas com 29 na sexta série, duas salas com 30 alunos e uma com 31, na sétima série três salas com 24 alunos, na oitava série duas salas com 43 alunos, perfazendo um total de 535 alunos. No ensino médio Normal existe um total 374 alunos sendo que na 1ª série três classes

com 44 alunos e uma com 45, na 2º série quatro classes com 31 alunos, na 3º série duas classes com 26 alunos e uma com 27, na 4º série uma única classe com 20 alunos, e 200 alunos na educação De Jovens e Adultos com oito salas com 25 alunos cada. A escola tem 46 professores todos efetivos, sendo que 10 desses professores ensinam de 1º a 4º série, desses 7 possuem o magistério e 2 com licenciatura. 13 professores ensinam de 5º a 8º série todos com licenciatura, no ensino médio a escola tem um total de 23 professores, todos com licenciatura. Os níveis e modalidades que oferece são os seguintes: Ensino Fundamental de 1º a 8º série, ensino infantil, ensino médio (magistério) e Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos de 1º a 4º série.

A vice-diretora apontou como sendo os principais problemas enfrentados pela escola: a falta de recursos humanos para limpeza e serviços, não existem verbas que garantam a contratação desses servidores, faltam recursos para manutenção do Ensino Fundamental e Médio, falta uma biblioteca para os alunos, pois a que tem só atende aos professores, faltam livros didáticos e materiais escolares para atender aos alunos, não existem recursos disponíveis para investir nesse item, falta um transporte escolar que atenda aos alunos que vem da zona rural e nesse sentido, a evasão na escolar é um problema grave devido a falta de transporte.

A escola possui uma instalação física muito boa, as salas num total de 15 são arejadas e amplas possuindo a escola projetos para construção de outras, possui também carteiras suficientes, quadra de esporte, área de lazer, a escola não possui xerox, videoteca ou laboratório.

Segundo a supervisora “o processo de planejamento escolar é um ato didático pedagógico onde todos que fazem parte da escola se encontram para planejar as ações educativas e definir claramente suas metas e seus objetivos educacionais”. “É também um momento em que a escola define sua filosofia de educação, através do Projeto Político Pedagógico, ou seja, as diretrizes básicas que orientam as atividades educacionais anualmente”.

Para os professores, “a avaliação caracteriza-se por seu aspecto formativo e diagnóstico favorecendo o diálogo constante entre as atividades didáticas e a aprendizagem. A escola é orientada a trabalhar de forma dialógica e contínua”. No meu entender a avaliação como tudo na

educação deve priorizar as relações com o conhecimento, deve ser usada como meio e não como fim em “si mesma” é o momento em que professores e alunos mostram o que foi aproveitado, ou seja, é um momento bastante rico de aprendizagem. Os professores precisam sempre estar atualizados com a produção científica nessa área para poderem trabalhar com maior segurança e consistência, faz parte da tarefa dos professores lerem bibliografias do meio educacional que enriqueçam o seu trabalho com avaliação.

Na escola onde fiz o Estágio os professores juntamente com os supervisores da escola encontram-se semanalmente para planejar as atividades de forma interdisciplinar, trocando experiências. É nesse momento que o professor usa o planejamento como oportunidade de reflexão e avaliação de sua prática. A principal função das reuniões pedagógicas é fazer com que os professores trabalhem os conteúdos de forma interdisciplinar passando a incorporar no seu planejamento conteúdos que são discutidos entre os professores para serem desenvolvidos de forma integrada.

Segundo a diretora, o contato com a família da comunidade escolar dá-se através de reuniões de pais e mestres, eventos realizados na escola, datas comemorativas e culminância dos projetos pedagógicos realizados na escola. Entendo que o contato com a família é muito importante, para que a escola cumpra com suas funções, por isso, é necessário o apoio dos familiares. É preciso que a comunidade participe mais diretamente dos projetos da escola. De acordo com alguns professores, infelizmente na maioria das vezes os pais não se interessam, até por que na grande maioria das vezes, são pessoas que não freqüentaram a escola por isso são necessários projetos que incentivem o diálogo entre os professores e a comunidade escolar como um todo para que possam dar apoio ao processo educativo de seus filhos. O contato pode ser feito nas reuniões entre: pais e educadores e nas discussões do Projeto Político Pedagógico da escola.

Segundo a vice-diretora a escola possui o PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola - que vem uma vez ao ano, esse mesmo programa financia a merenda escolar bimestralmente. A bolsa escola, funciona através do município que cadastra os alunos em sua residência e fiscaliza a escola pedindo mensalmente a freqüência desses alunos. O Programa Amigos da Escola funciona nesse colégio através de trabalho voluntário de alguns membros da comunidade através de

projetos desenvolvidos na escola tais como: Aulas Dinâmicas, Palestras e Gincanas. A escola não possui o PDE - Plano de Desenvolvimento da Escola - e nem planos de saúde. A escola desenvolve um projeto de leitura e escrita que abrange alunos de 1^a a 8^a série.

Segundo os professores a recuperação presente na proposta pedagógica da escola “visa a uma aprendizagem efetiva dos alunos”. As avaliações formativas e diagnósticas acontecem durante todo o processo e possibilitam que as “barreiras” encontradas pelos alunos sejam identificadas no momento em que aparecem e ainda torna possível, ações que visam a recuperação dessas dificuldades fazendo com que os alunos sintam-se motivados a superarem suas limitações escolares”. No meu entender o educador em sua ação pedagógica deverá sempre buscar a aprendizagem dos alunos, oportunizando uma segunda chance aos que não se saíram bem nas primeiras avaliações isto deverá ser enfatizado para diminuirmos a evasão escolar em nossas escolas.

Segundo os Supervisores “A escola trabalha o conhecimento de forma crítica e reflexiva propiciando aos alunos o desenvolvimento de competências para lidar com as características da sociedade atual que enfatiza a autonomia dos alunos para a busca de novas compreensões, por meio da produção de idéias e de ações críticas e criativas”. O conhecimento deve ser trabalhado de acordo com as atuais perspectivas de educação, ou seja, o desenvolvimento de habilidades específicas como: saber ouvir, saber falar, saber fazer, saber pensar, através de ações que visem a melhoria das relações pedagógica tanto de professores e alunos como destes com o conhecimento.

Nesse sentido, após ter relatado a caracterização da escola onde fiz o Estágio, passo a uma descrição crítico-analítica do trabalho docente realizado na prática, como pré-requisito para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG.

4.2 Primeira aproximação com a escola onde realizei o Estágio Supervisionado em Docência

Na primeira semana de fevereiro de 05 a 09, iniciei o Estágio na E.N.E.M.A (Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida) no turno da noite onde funcionam oito salas especiais da Educação de Jovens e Adultos.

Nesse primeiro contato, falei com a diretora e apresentei o requerimento fornecido pela Universidade para que eu pudesse estagiar nessa escola. Fui muito bem recebido tanto pela diretora, como pelos professores que me disseram para ficar a vontade como estagiário. Nesse primeiro dia, apenas observei cada uma das salas e conversei com alguns professores e alunos e fiz algumas escolhas e algumas reflexões como por exemplo: qual seria a melhor sala para o Estágio? Como o trabalho monográfico que estou escrevendo é sobre alfabetização escolhi a 1ª Série como a mais adequada. A sala tem vinte e cinco alunos matriculados, mas a frequência regular é em torno de 10 a 12 alunos que cursam os cinco dias da semana.

Nessa primeira semana de observação, solicitei a professora da sala onde iria estagiar para fornecer-me algumas informações sobre os alunos. A referida professora não tinha muitas informações, pois a maioria dos alunos eram de novatos naquela escola, então, resolvi nessa primeira semana fazer um diagnóstico da turma a partir de alguns testes simples como pedir para os alunos: escrever seu nome e escrever algumas palavras com uma sílaba, duas, três, e quatro sílabas. Como eu supunha, metade da turma, ou seja, seis alunos apresentaram alguns problemas em sua escrita tais como: letra ilegível, erros de ortografia e até dificuldades em realizar a tarefa. Foi a partir desses dados que conjuntamente com a professora da sala, produzi um diagnóstico resumido e por escrito da turma e passei já na segunda semana de Estágio a elaborar o planejamento das aulas.

Sob conselho, da orientadora da monografia professora Gerlaine Belchior passei a elaborar um projeto didático-pedagógico para ser desenvolvido durante o Estágio Supervisionado. Durante o restante do mês por conta de um acidente de motocicleta fiquei em casa elaborando o projeto. Só iniciei o Estágio propriamente dito no dia 05 de março.

4.3 Primeira semana de aplicação do projeto: práticas de leitura na EJA

No primeiro dia de Estágio, depois de ter me apresentado aos alunos e explicado que eu era estagiário e que iria trabalhar com eles todos os dias durante um mês, e após ter me familiarizado com os alunos e ter planejado as aulas, e adotado o livro didático pelo qual eu me basearia na aplicação do projeto, fui na primeira semana de março para a escola às 18:20 min., pois as aulas começam pontualmente às 18:30 min.

Como atividade inicial escrevi no quadro um texto poesia de Pablo Neruda intitulado a palavra. Sempre gostei de poesia e penso particularmente que as primeiras leituras devem ser de textos desse gênero. Após a leitura que foi feita coletivamente, fui lendo e apontando para cada palavra e atentando para que os alunos me acompanhassem, pedi que os alunos abrissem o livro didático MIRANDA, 2003. p. 79 que tinha um exercício de interpretação do texto ora estudado. O exercício solicitava que os discentes representassem através de desenhos a importância das palavras, segundo a visão do autor. Acompanhei os alunos explicando que deveriam desenhar o que o autor entendia que eram as palavras. Todos os alunos embora com dúvidas conseguiram fazer o desenho no espaço indicado no livro. Em seguida, trabalhamos outro texto poético intitulado ABC do nordeste flagelado, de Patativa de Assaré, escrevi-o no quadro e pedi para que os alunos acompanhassem a leitura passo a passo, apontando as palavras e lendo para eles, mas também pedindo para eles lessem alguns trechos. Alguns alunos por inibição não lêem, mas o importante é que participem desses momentos de leitura coletiva. O exercício de interpretação tinha além de perguntas subjetivas referentes ao texto, exercícios para desenvolver a competência ortográfica e a divisão silábica, esses exercícios eram resolvidos no livro didático e tive que acompanhar todos os alunos nessas atividades, particularmente aqueles que apresentavam mais dificuldades com a leitura e a escrita. Na segunda etapa da aula, acompanhei com a ajuda da professora todos os alunos individualmente. Nesse momento, a professora da classe assumiu a condução das aulas passando tarefas individuais para cada aluno de acordo com suas necessidades.

Havia uma aluna que sua tarefa era copiar as letras do alfabeto, fiquei ajudando a professora a esclarecer as dúvidas dos alunos até o final da aula. Percebi que o processo de aprendizagem

desses alunos embora lento é contínuo, tudo depende da maneira como o professor encara essa aprendizagem, muitas vezes pensamos que os alunos não estão progredindo, mas felizmente muitas vezes não temos a mínima razão ao pensar assim, pois adquirir conhecimento é como todos nós sabemos algo muito pessoal e que é construído no dia-a-dia de forma muito lenta e só pode ser avaliado de maneira contínua.

No segundo dia de aula, dando continuidade ao projeto práticas de leitura na EJA, li com os alunos o texto aquarela de Toquinho e Vinícius de Moraes, semelhante ao dia anterior copiei no quadro o texto e, em seguida, li para os alunos alguns trechos e pedi para que alguns alunos fizessem também a leitura. Como alguns alunos sentiam dificuldades para ler, fui ajudá-los individualmente com essa tarefa, apontando para cada palavra e pedindo para que o aluno lesse, quando ele não o conseguia eu ajudava nessa tarefa. Em seguida, copiei no quadro o exercício de interpretação do texto e após a leitura do exercício pedi para que os alunos respondessem aos questionamentos oralmente, enquanto isso eu reproduzia as melhores respostas no quadro para que fossem copiadas, percebi que os alunos gostaram dessa metodologia que era muito interessante, pois na realidade eles compreendiam que estavam copiando suas próprias respostas, então se percebiam como sujeitos que embora não dominando com desenvoltura o sistema simbólico da escrita, não obstante eram capazes de produzirem respostas aos diversos questionamentos feitos no livro que estavam estudando. Logo após, solicitei aos alunos que respondessem individualmente o exercício que estava no livro didático MIRANDA, 2003 p. 87 o exercício orientava que os alunos representassem o que haviam entendido através de desenhos, pois nesse primeiro momento de desenvolvimento do projeto as atividades propostas para cada aluno resolver pessoalmente eram com desenhos e a escrita de pequenos textos e também a leitura de imagens, gravuras e etc. Logo em seguida, a professora da sala e eu, fomos ensinar a cada aluno nessas atividades, os alunos mais adiantados resolviam as tarefas no livro e os outros faziam atividades escritas no caderno.

No terceiro dia iniciei com o texto *sempre alerta* de Millor Fernandes. Copiei o texto no quadro e li com os alunos, em seguida reproduzir o exercício no quadro e a partir das discussões com os alunos fomos encontrando as respostas para o exercício, cabe ressaltar que as perguntas eram inteiramente subjetivas e as respostas eram pessoais, então fiz os alunos perceberem que não

havia uma única resposta para cada questão mas sim respostas individuais. Assim, com a ajuda da professora fui atendendo a cada aluno individualmente para poderem resolver de forma pessoal o exercício. A aula transcorreu tranqüila, havia exercício de compreensão do texto, formação de pequenas frases e etc. Outra atividade desenvolvida nesse dia foi à leitura de gravuras acompanhadas de exercício de compreensão dessas imagens, isto me fez lembrar do método Paulo Freire de alfabetização que começava com a leitura de desenhos ou gravuras, antes mesmo de apresentar a palavra escrita. Nesse sentido, poucos foram os alunos que tiveram dificuldades com essas tarefas , pois era muito “simples” pelo menos do nosso ponto de vista como adultos já alfabetizados. Não quis aprofundar e exigir muito dos alunos que estavam em processo de alfabetização, mas só daqueles que já sabiam ler, e então sempre com ajuda da professora da sala dividi a turma de acordo com o nível de aprendizagem ficando dividida a sala em três turmas os que já sabiam ler, os que sabiam num nível muito rudimentar e os que apresentavam maiores dificuldades , a partir desse momento o projeto de leitura foi aplicado para todos coletivamente mas com níveis de exigência diferentes, de acordo com o nível de aprendizagem psicogenético de cada um. Após a aula pude fazer algumas reflexões sobre o processo de aprendizagem de alguns alunos em particular e percebi que muitas vezes o que parece fácil para o professor não o é do ponto de vista do aluno e vice-versa. Havia alguns alunos na sala que não escreviam corretamente, pois não seguiam a escrita até o fim da linha, ou seja eles muitas vezes “pulavam” algumas linhas para poder continuar escrevendo, percebi que isso se dava dentre outros motivos, em virtude da falta de desenvolvimento de sua coordenação motora para escrever. Para que o leitor entenda o que estou dizendo tente escrever com a mão que não está acostumado e perceberá a dificuldade motora encontrada por esses alunos.

Com a ajuda da professora planejei para aqueles alunos especiais atividades com desenhos para desenvolvimento de coordenação motora, sugeri a professora que essas atividades especiais com desenho teriam que ser desenvolvidas todos os dias durante todo o restante do ano letivo e ela concordou com a sugestão. Fiz algumas atividades com desenhos para esses alunos com duração de 30 min cada, mas não tínhamos o material necessário, como por exemplo, o caderno de desenho, por isso as atividades eram para “cobrir” alguns desenhos que eu reproduzia como: pássaros, abelhas, flores, e etc. Os resultados foram satisfatórios já que todos os alunos se

interessaram em desenhar assim, sem o saberem, estavam desenvolvendo algumas habilidades que iriam auxiliar nas atividades escritas.

No quarto dia a aula logo no início foi à leitura de um quadro de Candido Portinari conhecido como: os retirantes. Discuti com os alunos quais os sentimentos que aquele quadro transmitia, sob que situações o quadro representava a vida dos sertanejos? Essas foram às questões apresentadas e que discutimos com a turma, não precisávamos aprofundar muito, pois no fundo o que a atividade sugeria é que refletíssemos sobre as condições sub-humanas que a seca impõe aos sertanejos, principalmente quando os obriga a se retirarem para outras regiões abandonando sua própria terra natal. Os alunos se saíram muito bem nas discussões sobre o assunto, mas na hora de escrever sobre essas opiniões, surgiam as reclamações por parte de alguns alunos. Nesse sentido, para resolver o impasse, escrevi no quadro algumas respostas dadas pelos alunos e deixei que eles as copiassem. Num segundo momento, pedi para que os alunos abrissem o livro didático MIRANDA (2003, p.134) havia um outro texto que era uma poesia de Patativa do Assaré intitulada triste partida que falava também sobre o drama dos nordestinos diante da seca, copiei no quadro o texto e li para os alunos apontando para cada palavra lida, depois li o exercício proposto e pedi que eles resolvessem o exercício interpretando o texto de acordo com o que haviam compreendido do mesmo, mais uma vez fui ajudar individualmente aos alunos que tinham mais dificuldades com a leitura e a escrita. Nesse dia, li para os alunos e também permiti que os alunos lessem um trecho da letra da música: ABC do sertão de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. O exercício proposto solicitava basicamente que os alunos comentassem qual seria a intenção dos autores ao escreverem aqueles versos e que com a ajuda do professor modificassem aquele verso escrito em língua popular transformado-o através do emprego da escrita padrão, por fim o exercício explicava as diferenças existentes entre a língua falada e a língua escrita e pedia que os alunos reproduzissem um texto com características da língua falada. Expliquei para os alunos um pouco dessas diferenças e discutimos sobre essa questão, os alunos chegaram a conclusão de que as duas são importantes mas que, a escrita padrão, deve ser apreendida para o uso tanto escolar como profissional e social, e a língua falada em nossas relações pessoais com outros seres humanos. Os alunos conseguiram resolver os exercícios cada um de acordo com o grau de exigência que o seu nível permitia. Muitos alunos não conseguiam escrever sozinhos as resposta, por isso fui eu e a professora da sala ajudamos cada um nessas atividades.

Na sexta-feira, trouxe dois textos para leitura em sala. Um era o texto da música Marvin da versão Sérgio Brito e Nando Reis, dos titãs, o outro era um texto sobre a pintura e a arte rupestre, levei um toca CD para a sala, copiei o texto no quadro, e comecei a aula com a execução da música, a seguir fiz algumas discussões com os alunos e depois solicitei que abrissem o livro didático na p.171 para que pudéssemos resolver o exercício de compreensão do texto. O exercício era subjetivo e as respostas eram individuais por isso, com a ajuda da professora da sala fomos acompanhando cada aluno individualmente em suas tarefas e aos que sentiam mais dificuldades em especial. Na segunda parte da aula, para mudar um pouco a rotina resolvi baseado no livro didático fazer uma aula diferente, produzindo com os alunos uma pintura rupestre, o material era simples: pincéis pequenos, um pedaço de carvão, tinta e cartolina, após copiar no quadro e ler com os alunos um texto sobre a arte rupestre que explicava para os mesmos como na antiguidade os homens primitivos haviam deixado suas marcas e suas primeiras pinturas, como forma rudimentar de comunicação e que comprovavam a existência desses homens pré-históricos. Expliquei que íamos tentar reproduzir algumas pinturas rupestres, com a ajuda de outras pinturas para servirem de inspiração, nesse sentido, entreguei o material para a turma para que pudessem produzir e reproduzir a vontade sua arte, e expliquei também como essas pinturas geralmente representavam a caça, a pesca e a vida desses homens, a aula transcorreu normalmente, os alunos conseguiram produzir e alguns desenhos que ficaram muito bons.

Dessa forma, considero bastante satisfatória essa primeira semana no Estágio Supervisionado, os alunos apesar de apresentarem alguns problemas, se saíram bem nas atividades, pelo menos, mais da metade da classe correspondeu às expectativas. O maior problema é que enquanto alguns alunos já dominam algumas habilidades básicas da leitura e da escrita, outros mal sabem o alfabeto completo, e isto me preocupa bastante enquanto professor e educador, principalmente como alfabetizador de jovens e adultos. Nesse sentido, não sei por que tinha essa prática de querer ministrar aulas aos alunos sempre de forma coletiva, aprendi na prática de ensino que as especificidades e ritmos de aprendizagem devem ser respeitados e portanto a aula deve ser planejada de acordo com os níveis de aprendizagem existentes na sala. Daí a importância do diagnóstico. Assim, resolvi mudar a metodologia e passei a fazer um planejamento diferente do que vinha fazendo até então, ou seja atividades coletivas mas com tarefas individuais para cada

grupo de alunos de acordo com as suas necessidades de aprendizagem. Percebi então no Estágio que a relação pedagógica com os alunos, mudou bastante e para melhor, pois quando eu tratava a todos de forma idêntica e com atividades coletivas, alguns conflitos surgiam entre os alunos e entre eu e eles, e então percebi que isso se passava por causa das diferenças de níveis de aprendizagem entre eles e entre eles e mim, assim não é mais aceitável que o professor proceda dessa forma, aprendi na prática que isto causa grandes conflitos que só dificultam o processo de aprendizagem tanto dos professores como dos alunos.

4.4 Segunda Semana no Estágio Supervisionado em Docência

No primeiro dia de aula da segunda semana do Estágio Supervisionado, após ter me familiarizado melhor com os alunos e ter percebido as principais dificuldades sentidas pela turma em relação à leitura e a escrita, solicitei aos alunos que abrissem o livro didático na p. 88 e li para os alunos o texto da música pensamento, explicando que se tratava de uma música da banda cidade negra que havia sido muito executada, na década de 1990. Após a leitura, dividi a classe em cinco turmas, cada grupo ficou com a tarefa de copiar um trecho da música, ler individualmente e depois apresentar oralmente o texto em sala. Fui acompanhando cada grupo individualmente, ajudando-os com a leitura do texto, expliquei para os alunos, que ao final das atividades cada grupo deveria ler sua parte completando assim toda a música. Alguns grupos tinham mais dificuldades com a leitura, mas apesar disso conseguiram realizar a tarefa com a nossa ajuda. Dois grupos dividiram as atividades fazendo com que cada participante decorasse um verso da música, para poder apresentar oralmente. Fui com ajuda da professora da sala, ajudando cada grupo individualmente até a hora da apresentação.

Sugeri aos alunos que fizessem um círculo com as carteiras para poderem apresentar a leitura, essas atividades sem que os alunos soubessem fazia parte de um momento de avaliação. O primeiro e o segundo grupo, conseguiram ler com desenvoltura, os outros grupos tiveram algumas dificuldades com a leitura, leram com a ajuda dos colegas e da professora da sala, outros grupos tinham dificuldades com algumas palavras escritas. Expliquei para a classe que ler é assim mesmo e que só conseguimos ser bons leitores com muito esforço fazendo leituras cotidianas.

Essas atividades de leitura coletiva foram muito importantes para os alunos, pois além de propiciarem “ouvir a leitura sendo feita por outros alunos”, também trouxe textos conhecidos de toda a sala, e isso ajuda os alunos analfabetos a decifram o texto. Nesse sentido, finalizei as atividades de leitura e fui ajudar a professora com outras atividades na sala.

Na terça feira, da segunda semana de Estágio Supervisionado em Docência. Pedi para os alunos abrirem o livro didático na p. 120, que tinha um texto da música: velha infância de Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. Perguntei se os alunos conheciam a música. Para aqueles que responderam afirmativamente, convidei-os para que cantassem alguns trechos da letra e em seguida, copiei o texto no quadro e li para os alunos e com os alunos esse texto. Antes de começarmos nas atividades do livro didático, fiz um jogo com os versos da canção: velha infância. Orientei aos alunos para copiarem o texto no caderno, após essa tarefa, solicitei que recitassem cada verso não pela ordem como estava mas de forma aleatória, enquanto eu copiava no quadro esse texto. O resultado é que a música ficou completamente diferente da original, pedi aos alunos para lessem alguns trechos ou toda a música e eles fizeram a leitura . Outro resultado é que sem perceber, cada aluno recitou um verso, fazendo assim um trabalho de leitura complexo.

Numa segunda etapa da aula, copiei o exercício de interpretação do texto no quadro, e lendo com os alunos discuti algumas questões referentes ao texto. Copiei algumas respostas no quadro para aqueles alunos com mais dificuldades, pois assim o exigia o seu nível de aprendizagem. O exercício no livro didático tinha atividades envolvendo divisão silábica, plural e singular das palavras, todos os alunos copiavam as palavras fazendo o plural das palavras e logo em seguida a divisão silábica. fui ajudando cada aluno individualmente e o resultado foi satisfatório de acordo com o nível de aprendizagem e de desenvolvimento da habilidade de leitura de cada um. Encerrei assim, as atividades de leitura referentes à aplicação do projeto e fui ajudar a professora com as atividades individuais com os alunos.

Na quarta-feira trouxe um texto em quadrinhos intitulado: Um dia na vida de Pedro que contava no formato dos quadrinhos, o dia-a-dia de uma criança retratada no personagem Pedro. Toda a rotina era retratada, desde o acordar para ir a escola, o recreio, e trabalho a tarde etc, ou seja a rotina de uma personagem que pode facilmente ser confundido com o nosso dia-a-dia. Solicitei

aos alunos que tinham mais facilidades com a leitura, para que lessem em voz alta enquanto todos acompanhavam no livro didático a leitura sendo feita. Expliquei para a turma que iríamos trabalhar uma produção textual individual sobre o dia-a-dia de todos nós. Cada aluno iria falar acerca do seu dia-a-dia, aqueles que já pudessem escrever por conta própria, o fariam. Os outros relatariam para mim e eu escreveria no quadro o relato, para que depois os alunos pudessem copiar. Cinco alunos, pediram para fazer o relato oralmente e três fizeram suas produções individualmente. Dividi com o giz o quadro negro em cinco partes iguais, para que eles pudessem copiar do quadro, cada um, o seu relato, cada aluno me relatou um pouco do seu dia-a-dia e eu copiei no quadro. Alguns alunos demoraram muito com essas tarefas, esperei que todos pudessem terminar. Assim pedi que cada aluno lesse oralmente sua produção textual começando pelos alunos que tinham mais dificuldades, até os que já liam com desenvoltura. Essas atividades foram muito importantes para os alunos. Percebi que de qualquer forma, desenvolvem as habilidades da leitura como também da escrita. Nesse sentido, é importante que em alguns momentos o professor permita que os alunos façam leituras individuais, mesmo que não saibam ler num primeiro momento, pois só assim eles serão capazes de se transformarem em sujeitos de sua própria aprendizagem.

Na quinta feira, trouxe para leitura em sala um texto intitulado: Hora de Dormir de Fernando Sabino, li para os alunos um pouco da biografia de Fernando Sabino, e copiei o texto desse autor no quadro, em seguida li, com os alunos o texto no quadro, sempre atentando para cada palavra lida e pedindo que eles me ajudassem com a leitura, os alunos prestaram atenção, leram algumas palavras e tiraram dúvidas sobre a escrita de algumas palavras. Em seguida, fiz algumas discussões com os alunos e, escrevi no quadro o exercício de compreensão do texto com cinco questões, e após ler mais uma vez o texto sempre com a ajuda dos alunos. Li também para os alunos as cinco questões referentes ao texto e fui discutindo com os alunos e pedindo para que todos participassem na construção das respostas. Nesse sentido, escrevi no quadro algumas respostas dadas pelos alunos, e que logo em seguida eles a copiaram no caderno. Foi muito boa a aula nesse dia, em que todos os alunos participaram nas atividades de leitura e escrita, corriji todas as atividades individuais dos discentes e todos se saíram bem com as tarefas.

Assim encerrei as atividades referentes ao projeto de leitura avaliando de forma positiva seus resultados.

Na sexta-feira, trouxe um texto da música Família dos Titãs. Após iniciar a aula com a execução da música, perguntei a turma se alguém conhecia a música. Com exceção de um aluno que já a tinha escutado pelo rádio à bem pouco tempo, nenhum outro aluno a conhecia. Copiei no quadro a letra da música. Foi realizada a leitura da letra da música e conversamos sobre o assunto presente nela. Na perspectiva de que os alunos apresentassem “sua leitura de mundo” pedi que descrevessem como está organizada a família nos dias atuais. Em seguida, pedi aos alunos que abrissem o livro didático na página 115 onde havia um exercício que estava relacionado com o tema em questão, pois o tema era família. O exercício pedia basicamente que os alunos representassem através de desenhos uma família fictícia e em seguida, escrevessem os nomes desses personagens, suas características físicas, idade, sexo e etc, acompanhei, os alunos nessas tarefa, tirando dúvidas.

Outra atividade foi a realização de uma pesquisa em que os alunos puderam indicar as atividades preferidas de seus familiares como: trabalho, televisão, igreja e etc. Nesse sentido, acompanhei com a ajuda da professora da sala, todas essas atividades realizadas pelos alunos. Utilizei estas atividades como meio para avaliar o desenvolvimento dos alunos em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Constatei que a escrita destes alunos embora com alguns problemas, é legível e clara, em alguns momentos. Em seguida, fiz algumas análises sobre as tarefas da noite e posso afirmar que os alunos após todas essas atividades, apresentaram melhoras em seu processo da aquisição da habilidade de leitura. Alguns alunos se esforçam mais que outros, por isso lêem melhor, mas também pude verificar que aqueles alunos que se recusavam a ler, haviam perdido a inibição e já conseguiam ler algumas palavras e pequenas frases e textos. Um dos grandes problemas que eles enfrentam é a inibição gerada pelo preconceito e a discriminação, expliquei para esses alunos que cabiam a eles modificarem essa situação, pois nunca é tarde para aprender a ler e escrever.

4.5 Terceira Semana no Estágio Supervisionado em docência

Ao iniciar a terceira semana de desenvolvimento do projeto: práticas de leitura na EJA. Trouxe para os alunos a leitura de uma charge que fazia referência ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, particularmente o texto referia-se ao uso do celular que vem se tornando cada vez mais utilizado em todos os segmentos sociais, tornando-se quase um item obrigatório. Basicamente a charge se referia de forma irônica ao uso inadequado e exagerado que algumas pessoas fazem dessas novas tecnologias. A charge mostrava duas pessoas se comunicando (possivelmente marido e mulher) através do telefone celular numa mesma seção do supermercado e a menos de dois metros de distância um do outro, e se informavam pelo telefone sobre o preço dos alimentos.

Com o intuito de fazê-los refletir sobre tal situação solicitei aos alunos que analisassem a charge e lessem onde fosse possível ler e expusessem seu pensamento para o grupo. Para sistematizar a atividade suas opiniões eram transcritas no caderno. Expliquei para os alunos que as opiniões eram pessoais ou seja, de acordo com o que cada um tinha entendido da leitura da charge. Os alunos se saíram bem com essa atividade de leitura, e corriji todas as atividades. Os maiores problemas eram com a leitura de textos mais complexos, que os alunos se recusavam a ler, e a escrita muitas vezes lenta e com erros de ortografia. Dando continuidade a aula, os alunos solicitaram ver um pouco de matemática. Para atender as necessidades do grupo resolvemos um exercício que envolvia iniciação a matemática, ou seja, a leitura de números, numa conta de telefone. Após a leitura que acompanhei individualmente fomos resolver o exercício que propunha basicamente, a escrita de números e, atividades com operações de adição e multiplicação. Depois de ter lido com os alunos os problemas e questionado as possíveis soluções, pedi que eles me dessem os resultados dos cálculos que podiam ser feitos mentalmente e posteriormente por escrito. Percebi que, alguns alunos já conseguem fazer as operações por escrito, outros só conseguem fazer mentalmente, pois apresentam maiores dificuldades de aprendizagem. Solicitei que comentassem para o grupo como fazem na vida cotidiana para resolver as situações em eles precisam do conhecimento matemático.

No dia seguinte, trouxe para leitura em sala, um texto sobre alimentação saudável, e, uma receita caseira retirada de um livro didático da Educação de Jovens e Adultos, intitulada pudim de coco. Conversamos sobre alimentos saudáveis, li para os alunos. A seguir, questionei com os alunos a importância de uma alimentação saudável para a nossa saúde e após as discussões, pedi que todos, expressassem sua opinião por escrito, nem que fosse com duas palavras. Alguns alunos me pediram para ajudá-los com a escrita. No final todos conseguiram expressar suas opiniões por escrito sobre o tema. Numa etapa seguinte, lemos o segundo texto que era uma receita de: Pudim de coco. Perguntei aos alunos se em suas casas havia o costume de se utilizarem receitas caseiras na preparação dos alimentos e questionei os prós e contra da utilização dessas receitas. Após o trabalho escrito, pude perceber que alguns alunos já se sentem mais à vontade com a leitura e a escrita, pois nesse dia embora alguns alunos escrevessem com a nossa ajuda, a grande maioria já conseguia ler e escrever alguns textos.

Na quarta-feira, continuei com leituras vinculadas as necessidades da contemporaneidade, logo no início da aula expliquei para os alunos que iríamos ler um texto sobre as novas tecnologias da comunicação e informação particularmente sobre a internet. Comecei explicando que iríamos trabalhar com um vocabulário novo e com palavras que talvez eles desconhecêssem o sentido. Comecei perguntando aos discentes se eles conheciam o computador ou a internet, a maioria da sala já tinha ouvido falar, mas poucos tinham contato e ninguém sabia utilizar na prática. Então, para iniciar a aula, comecei com a execução da música: Pela Internet de Gilberto Gil, após a execução da música, copiei o texto no quadro para que os alunos ficassem mais familiarizados com as novas palavras que essas novas tecnologias criam. Em seguida, fiz outra leitura do texto, apontando para cada palavra lida e requisitando que os alunos grifassem as palavras que eles não conheciam ou desconheciam o sentido, como por exemplo: WEB SITE, HOME PAGE e etc. A aula transcorreu normalmente, e encerrei os trabalhos do dia com uma pequena produção textual coletiva, onde cada aluno falava um pouco de que tinha aprendido e o que sabia sobre informática, e eu copiava esses conhecimentos em forma de texto, para que eles pudessem depois transcrever para o caderno.

Ao final da aula todos os alunos haviam realizado leituras orais e individuais em sala e todos haviam se saído bem com essa tarefa e de acordo com o nível de desenvolvimento anterior dessa

habilidade, conclui então que houve um progresso com relação ao desenvolvimento da habilidade da leitura. Essa identificação de progresso no tocante ao desenvolvimento da aquisição da linguagem era feita tendo por base as orientações da Emília Ferreiro quanto a psicogênese da Língua escrita.

Prosseguindo com o desenvolvimento do projeto: Práticas de Leitura na EJA, optei por desenvolver uma metodologia lúdica, trazendo para os alunos um jogo muito interessante e que trabalhava com a questão da divisão silábica. O nome do jogo chama-se o lenço atirado e consiste no seguinte, o professor atira o lenço para um aluno que deverá no mesmo instante dizer uma sílaba como por exemplo: pá, esse aluno atira o lenço para outro aluno para que ele complete a sílaba, por exemplo respondendo: Pé!, assim, ele completará a sílaba e formará a palavra papel. Expliquei também aos alunos que no jogo, poderiam construir palavras: dissílabas, trissílabas e polissílabas. Nesse sentido, no início do jogo todos os alunos tem dez pontos, quando o aluno erra ou seja não consegue completar a sílaba, perde um ponto, e no final ganha quem tiver mais pontos. Para que o jogo tivesse um sentido mais didático e prático, eu copiava no quadro, todas as palavras formadas, para que depois eles pudessem transcrever para o caderno. Todos os alunos gostaram desse jogo e várias palavras vinculadas ao seu cotidiano foram formadas. Ao final do jogo a aluna vencedora recebeu um pequeno brinde. Com a finalidade de sistematizar, pedi que todos os alunos copiassem as palavras no caderno e depois fizessem a divisão silábica de cada uma.

Na sexta-feira, dando continuidade ao desenvolvimento do projeto, trouxe para leitura em sala, um texto de Roberto Drumond intitulado o jornal não foi feito para a alegria. Solicitei aos alunos que lessem o texto, cada aluno lia uma parte ou trecho no livro didático, enquanto que para aqueles alunos que tinham dificuldade com a leitura, acompanhavam a leitura sendo feita no quadro. Logo após, discuti com os alunos as informações contidas no texto que abordava o fato de que os jornais sempre estão preocupados em noticiar os piores acontecimentos, catástrofes e crimes, em vez de darem prioridade ao lado bom da vida. Nesse sentido, buscamos fazer uma leitura do mundo, ou seja, identificar os interesses que existem subjacentes as notícias. Após as discussões solicitei uma pequena produção textual. Corrigi as atividades feitas em sala e constatei que os alunos haviam se saído bem com esses exercícios, mas em compensação aconteceu um

fato curioso. Todos os alunos se recusaram fazer a produção textual, então eu perguntei o porque da recusa e eles me explicaram que “o tema não tinha nada haver com eles”. Então fui procurar um outro tema. Nesse sentido, sugeri um tema sobre a mata atlântica, eles concordaram que o tema era melhor, mas só iriam escrever algumas linhas, os alunos estavam cansados nesse dia.. Corrigi essas produções, havia alguns erros de gramática e de ortografia, mas em geral as produções estavam boas. Compreendi então o quanto é importante trazer textos para os alunos Adultos que sejam significativos ou seja que eles gostem ou façam sentido em sua vida, e que de alguma forma diga respeito a sua existência. Ou que despertem sua curiosidade. Minha reflexão pessoal sobre essa situação foi que muito do que estudamos em didática vemos quando vamos pra sala de aula.

4.6 Última semana de desenvolvimento do projeto no Estágio Supervisionado em docência

Na última semana de desenvolvimento do projeto práticas de leitura na EJA, na segunda-feira, logo no início da aula, pedi aos alunos que abrissem o livro didático na p. 21, onde havia um pequeno texto intitulado meu retrato meu eu, na realidade tratava-se de um pequeno texto, para a introdução de outro texto sem título e de um autor desconhecido, mas que falava sobre a história da fotografia. Para iniciar a aula, pedi a um aluno que lesse o primeiro texto intitulado meu retrato meu eu, para que todos nós pudéssemos acompanhar pelo livro didático. Após essa leitura, fiz alguns questionamentos orais sobre o conteúdo desse primeiro texto, e os alunos foram capazes de se expressarem oralmente sobre o assunto em questão. Num segundo momento da aula, pedi aos alunos que lessem um segundo texto sobre a história da Fotografia, acompanhei com a ajuda da professora da sala à leitura individual feita por cada aluno, ajudando-os quando necessário. Alguns alunos ainda demonstram insegurança na hora de ler, mas, com a nossa ajuda vão conseguindo decifra o código lingüístico. Os alunos responderam questionamentos. A primeira questão referente ao texto era, se eles consideravam a fotografia uma invenção muito importante? Cabia aos alunos pensarem nas respostas e escreverem no livro didático. Mas antes disso, pedi aos alunos para que comentassem o assunto em grupo, para logo em seguida, cada um poder opinar oralmente e escrever. Havia no livro outras tarefas como por exemplo: testes para completar algumas palavras, resolver palavras cruzadas e etc. Observando o trabalho dos alunos,

pude perceber que alguns alunos ainda escrevem com muita lentidão, acredito que por vários motivos dentre eles; destaque: a falta de coordenação motora, e a falta de conhecimentos específicos sobre o funcionamento da linguagem escrita, que pode ser melhorada com a leitura cotidiana e era exatamente isso que estávamos tentando fazer. Havia também no texto algumas palavras grifadas que o exercício pedia que fossem pesquisadas junto com o professor o seu significado. Trouxe um dicionário para a sala, para que os alunos pudessem fazer a pesquisa. A princípio tive que ensinar aos alunos como se pesquisa as palavras no dicionário, depois da tarefa realizada copiei no quadro as respostas para que todos os alunos pudessem transcrever para o livro didático. Corrigi com a ajuda da professora da sala todos os exercícios e pudemos verificar que os alunos haviam se saído bem com essas atividades.

No dia seguinte, levei um toca cd para a sala e após copiar no quadro o texto relampiano de Lenini/ Paulinho Moska, pedi aos alunos que fizessem silêncio para podermos ouvir a música sendo executada, pedi também que os alunos acompanhassem a letra da música pelo quadro ou pelo livro didático como achassem melhor, a maioria, preferiu acompanhar a música pelo quadro. Após a execução da música, perguntei aos alunos se por acaso se lembravam de uma outra música que havíamos ouvido e que se chamava Marvim dos Titãs, os alunos responderam afirmativamente, e então, expliquei, que existia uma diferença entre as duas músicas e esta consistia em que, a musica Marvim falava de problemas sociais num ambiente rural enquanto que Relampiano retratava a problemática social num ambiente Urbano. Após essas breves explicações fizemos novamente uma leitura do texto, e em seguida copiei no quadro o exercício de interpretação e li as questões com os alunos discutindo seu conteúdo para que pudessem ter mais segurança na hora de resolver o exercício. Combinei com a turma que cada um deveria participar da produção das respostas, e que, os alunos que tinha dificuldades com a escrita, deveriam responder oralmente para que eu pudesse copiar sua fala no quadro até que todas as questões fossem resolvidas. Todos os alunos participaram na construção das respostas e copiaram no caderno. Logo após, fui corrigi todas as escritas individuais, e constatei que as escritas desses alunos, apesar de apresentarem alguns problemas estavam boas, em relação às primeiras produções verificadas na primeira semana de Estágio. Ou seja as atividades realizadas, envolvendo reflexão e sistematização produziram um resultado positivo.

Para a quarta-feira planejei algumas atividades que considerei interessante. Selecionei um texto com o seguinte título um órgão pensante: meu cérebro. A leitura foi realizada coletivamente. A solicitei que os alunos fizessem um desenho que simbolizasse uma boa saúde mental, essa atividade foi realizada com pleno êxito pelos alunos. A seguir pedi que os discentes se juntassem em equipe e construíssem um cartaz a partir de algumas frases, tais como: é necessário amar, e a ordem é ser feliz. Expliquei que o processo criativo é pessoal, então, os grupos foram capazes de pensar algumas frases que logo em seguida transcreveram para o caderno. A confecção dos cartazes ficou a critério pessoal de cada grupo. Ao final da aula, todos os grupos haviam terminado a confecção dos cartazes. Com o intuito de valorizar a produção dos alunos, pedi aos mesmos que fizessem um círculo na sala para que cada grupo pudesse apresentar o seu trabalho. Cada aluno do grupo deveria falar um pouco sobre como foi a confecção do cartaz desde a elaboração das frases até a leitura das mesmas, e por final deveriam apresentar o seu trabalho de forma oral conforme o tema que cada grupo se encarregou de desenvolver. Os grupos realizaram uma apresentação satisfatória.

Na quinta-feira, trouxe para leitura em sala, um texto da música da banda Charlie Brow Jr, que tinha o mesmo título que o nome da banda. Levei o toca cd pra sala e após copiar o texto da música no quadro, fiz uma leitura do texto da música com os alunos. Cada aluno leu um trecho. O Conjunto dessas atividades, de alguma forma contribuem para que os alunos melhorem suas habilidades de leitura, pois como sabemos os alunos lêem melhor quando já conhecem o texto ou pelo menos sabem mais ou menos do que se trata. Não desconsiderando a leitura em seu sentido amplo, mas desenvolvendo efetivamente a habilidade de comunicar-se através do código escrito.

A culminância do Projeto: Práticas de Leitura na EJA foi um momento propício de avaliação do Estágio. Após todo um mês de desenvolvimento de atividades de leitura com os alunos, os mesmos deveriam apresentar em sala de aula a leitura de alguns textos, tais como: poesias de Patativa de Assaré, a leitura de músicas, apresentação de cartazes feitos pelos próprios alunos sobre pinturas rupestres e a leitura de algumas produções textuais coletivas e individuais, e também a apresentação e leitura de cartazes sobre outros temas confeccionados pelos próprios alunos.

Os primeiros alunos indicados por mim, fizeram leitura de textos de poesia como: ABC do Nordeste flagelado e triste partida de autoria de Patativa de Assaré, outro texto lido foi : A Palavra de autoria do Poeta chileno Pablo Neruda. Ouve também, alunos que leram textos de músicas trabalhados em sala e, apresentação de trabalhos com cartazes retratando a arte rupestre e a construção de frases feitas pelos próprios alunos. Todos se saíram bem com as leituras, os que tinham mais dificuldades, conseguiram realizar nesse dia, boas leituras. Nesse sentido, me senti recompensado por todo o trabalho realizado durante o mês de Estágio, pois os alunos corresponderam às expectativas de aprendizagem, e demonstraram ter desenvolvido o hábito de leitura que era o objetivo geral do projeto: práticas de leitura na EJA. Para finalizar, houve uma pequena confraternização com os alunos, com a distribuição de brindes e a tradicional festa, com direito a salgados, e refrigerantes.

Pedi aos alunos que se manifestassem em relação ao trabalho realizado e foram unânimes em falar da satisfação de ter trabalhado com diferentes tipos de texto. Particularmente fiquei grato pois muito do que aprendi na universidade foi possível colocar em prática. Enfim, posso dizer que a experiência do estágio foi positiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter contribuído para o esclarecimento sobre algumas questões a respeito da alfabetização de jovens e adultos. Apesar de o tema ser bastante amplo, julgamos ter abordado seus aspectos essenciais. Abordamos alguns pormenores a respeito da história da educação de jovens e adultos em nosso país contribuindo com alguns registros desde a década de 30. Julgamos ter evidenciado algumas das importantes idéias de Paulo Freire e as investigações de Emília Ferreiro, sobretudo do ponto de vista prático do método Paulo Freire de alfabetização e das conclusões da Psicopedagoga Argentina Emília Ferreiro, para o aprimoramento da prática do processo de alfabetização como um todo.

Trabalhando com alfabetização de jovens e adultos no Estágio Supervisionado, vivi uma experiência muito rica de troca e aprendizado nas relações humanas com os alunos, seres humanos que como dizia Paulo Freire conscientes de sua própria inconclusão. Pude constatar avanços e retrocessos no processo de aprendizagem dos alunos adultos em fase de alfabetização, e por isso, reafirmo a importância do trabalho cotidiano, dia a dia, passo a passo, para uma aprendizagem efetiva da leitura e da escrita.

A principal tarefa do professor junto aos alunos de EJA é a de motivá-los, pois uma das características fundamentais dessa clientela é a desmotivação. Apesar de o tempo de Estágio ser curto, pude me familiarizar com o trabalho docente, adquirindo experiência que servirá em minha vida profissional. Quanto à aprendizagem dos alunos em virtude do desenvolvimento do projeto práticas de Leitura na EJA verifiquei, que apesar do pouco tempo, os resultados foram satisfatórios, no sentido de que identifiquei avanços significativos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Todos os alunos foram reconhecidos como seres únicos, e portanto, respeitados os seus níveis de aprendizagem, que foram ampliados no trabalho docente em sala de aula. Ao final do Projeto, através das avaliações feitas, foi possível identificar que cada aluno avançou em sua aprendizagem, em relação ao nível anterior diagnosticado. Alguns alunos demonstram mais interesse e envolvimento com sua aprendizagem e por isso avançam mais rápido. Outros alunos são mais dispersos e requer uma maior atenção por parte dos educadores. As atividades de leitura foram individualmente acompanhadas por mim e avaleiei

cada aluno pessoalmente, constatando pequenos avanços no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Nesse sentido, e para finalizar, gostaria de afirmar que os objetivos iniciais de meu trabalho de pesquisa foram satisfeitos. Consegui vivenciar metodologias adequadas à Educação de Jovens e Adultos bem como, conhecer as teorias ou pressupostos teóricos que dão sustentação à prática de Alfabetização. Na sala de aula, trabalhando com alunos Adultos, pude vivenciar as novas metodologias e constatar que realmente funcionam, ou seja o processo de aprendizagem como pude constatar é muito mais rico e de melhor qualidade quando pensamos uma educação, voltada para o desenvolvimento de atividades críticas, que despertem nos educandos o seu senso de criticidade, tornando o processo de alfabetização muito mais eficaz.

IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DA ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA PARA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O Estágio Supervisionado foi muito importante para minha formação profissional. vivenciei as metodologias e os pressupostos teóricos estudados durante todo o curso aplicando-os na prática, enriquecendo assim meus conhecimentos como docente. O Estágio foi um momento de aplicação de todos os conteúdos apreendidos durante a trajetória acadêmica, e por isso, muito importante. Da mesma forma, a elaboração da monografia contribuiu muito para enriquecer meus conhecimentos como pesquisador e como escritor aumentando assim minha segurança como profissional da área da educação, que conhece o papel da ignorância e da curiosidade na produção do saber. A elaboração da Monografia possibilitou-me um maior contato com a produção científica atual, como também melhorou minha capacidade reflexiva e de escrita, dessa forma, a considero como um elemento a mais e muito essencial para minha formação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 15ª edição. Editora Brasiliense. 1989.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre alfabetização/** tradução Horácio Gonzáles(et.al) 25ª edição atualizada. São Paulo Cortez. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 9ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre: Iniciação à Pesquisa Científica**. 2ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: O prazer de conhecer/** 2ª ed. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (et.al). **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RIBEIRO, V. Mª, VÓVIO, L. C, SILVA, D.(orgª).[et.al]. **Educação de Jovens e Adultos**. Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/Brasília. Ação educativa.MEC: Ministério da educação e do Desporto, 1997.